

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO IX, Nº250 - FEVEREIRO - PORTO VELHO,
2010.

VOLUME XXVII

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA HOLANDA - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

EDITORIAÇÃO GRÁFICA

ELIAQUIM DA CUNHA & SHEILA CASTRO

Os textos devem conter no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail: primeiraversao@gmail.com

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

250



**Cotidiano Familiar no Processo de Colonização
em Rondônia: PIC Ouro Preto**

Eliaquim da Cunha



Cotidiano Familiar no Processo de Colonização em Rondônia: PIC Ouro Preto ¹

Orientando: Eliaquim da Cunha²

RESUMO:

Nos anos 70 o Governo Federal incentiva a colonização na região norte do país através dos Projetos de Integração e Colonização (PIC) e dos Projetos de Assentamento Dirigido (PAD), tais iniciativas tem como foco fixar famílias na região e fazer com que a região integre-se as outras áreas do país. Diante do exposto apresentamos algumas abordagens da pesquisa realizada que tem como escopo geral estudar e detalhar o *Cotidiano e Trabalho das Famílias* que chegaram aos PIC's (1970 - 1990), especificamente - PIC Ouro Preto - RO, para ocuparem lote de terra e poderem fixar-se na região. As fontes usadas são orais, relatórios elaborados pelo INCRA³ e bibliográficas.

PALAVRA-CHAVE: Memória; Cotidiano; Trabalho; História Oral, Colonização e História.

O presente artigo é um dos resultados da pesquisa *A (RE) Construção da História em Rondônia no Processo da Colonização Recente: A Trajetória das Famílias do PIC Ouro Preto – RO 1970-1990*. Apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC /UNIR 2008/20009.

Fez-se necessário, na etapa (2007-2009), estudar e detalhar o cotidiano das famílias que chegaram no início do programa de colonização, especificamente durante a implantação do Projeto de Integração e Colonização - PIC Ouro Preto – RO, para ocupar um lote de terra, se fixar com suas famílias e dar início, primeiramente, à produção agrícola de subsistência, também conhecida como lavoura branca.

Buscamos interpretar o processo da colonização recente do atual estado de Rondônia tendo como fontes os relatórios do INCRA e relatos de migrantes, que vivem na região de Ouro Preto, apreendidas por meio da História Oral. Mediante estes relatos podemos dizer que acessamos as experiências de vida desses primeiros migrantes, seus enfrentamentos na mata, na abertura do lote, na construção do primeiro barraco e os desafios para lidar com as doenças tropicais como a malária, diante da precária assistência médico-hospitalar.

Objetivos

Na busca de novos horizontes e de melhores condições de vida à família, houve um contínuo e intenso fluxo migratório voltados tradicionalmente para a região norte, principalmente para Rondônia. Neste contexto procuramos interpretar a flexibilidade institucional familiar do migrante, sua estrutura, aptidão e

¹ Artigo apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica 2008/2009-PIBIC/UNIR/CNPq.

² Discente do Departamento de História e Colaborador PIBIC/UNIR.

³ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

características sociais, culturais e econômicas, para tanto, destacamos como eixos temáticos da pesquisa: cotidiano do enfrentamento da mata na “abertura do lote”, a construção do primeiro “barraco” e os desafios das doenças tropicais; as relações estabelecidas na família no que diz respeito das divisões das tarefas domésticas e no lote.

Métodos e Teoria

Esse trabalho consiste em interpretar Histórias de Vida, através do método da História Oral segundo Antonio Torres Montenegro⁴ com depoimentos glosados com base em leituras bibliográficas em textos relacionados à História, Memória, Trabalho e Cotidiano e também referente às formas de Colonização e Migração, dialogando com relatórios elaborados pelo INCRA entre os anos de 1971 a 1986.

Buscamos apoio para as interpretações dos relatos dos colaboradores⁵, nos relatórios do INCRA e na tese de Lílian Maria Moser⁶. Nossas observações estão apoiadas, também, em teóricos como A. Heller (2000); A. T. Montenegro (1994); M. Halbwachs (2006); K. Jenkins (2004); L. Muscimessi (1998); F. A. Costa (2002); H. Bergson (1990); L. Boff (1986), que muitos nos auxiliam na compreensão dos fenômenos contemplados por este estudo.

M. Certeau⁷ chama a atenção para observar a construção dos documentos, isto quer dizer, indagar quem o elaborou, para quem foi elaborado, em que época. Estes pontos levam às perspectivas dos dados contidos nos documentos.

“... O inconveniente de todo método e condição do seu sucesso é extrair os documentos de seu contexto histórico e eliminar as operações dos locutores em circunstâncias particulares de tempo, de lugar e competição. É, necessário que se apaguem as práticas lingüísticas e o espaço de suas táticas, para que as práticas científicas sejam exercidas no seu campo próprio ...” (CERTEAU, 2005, p.81)

Cotidiano

No que diz respeito ao cotidiano, temos como referencial teórico A. Heller⁸, que conceitua o cotidiano como algo que não é simplesmente o vivido diariamente, de modo repetitivo; não quer dizer que aconteçam as mesmas coisas todos os dias, a cada momento o indivíduo se depara com acontecimentos que são únicos e que faz com que ele busque interpretações e atitudes únicas de cada momento:

⁴ MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: A Cultura Popular Revisada*. São Paulo: Contexto, 1994.

⁵ Utilizamos o termo colaborador quando se refere aos entrevistados, devido as suas contribuições. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

⁶ MOSER, Lílian Maria. *Formação de Capital Social e o Ideário do Desenvolvimento Sustentável no Mundo Rural Rondoniense: A Organização dos Sistemas Alternativos de Produção dos Produtores de Ouro Preto D’oeste – RO*. Tese NAEA. UFPA/ 2006.

⁷ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, (Vol.: 1- 2), 2005.

⁸ HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

“... A vida cotidiana é a vida do inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade... A vida cotidiana é, em grande medida, heterogenia; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação”. (HELLER, 2000, p.17-18).

A obra de L. Boff⁹ apresenta os significados da matéria presente no cotidiano do indivíduo como único, para cada indivíduo seus objetos possuem importância e sentido próprio e sinais que contêm, exibem, rememoram, visualizam e comunicam outra realidade diferente deles, ou seja, a estima de um determinado objeto terá sentido somente a quem o tem como referência de alguma experiência:

“... Toda vez que uma realidade do mundo, sem deixar o mundo, evoca uma realidade diferente dela, ela assume uma função sacramental. Deixa de ser coisa para se tornar um sinal ou um símbolo. Todo sinal é sinal de alguma coisa de algum valor para alguém ...” (BOFF, 1984, p.23).

Trabalho

No que concerne à questão do trabalho encontramos relações próximas ao exposto por F. A. Costa¹⁰

“... A empresa familiar camponesa, diferente da empresa capitalista, não se relaciona com o trabalhador apenas como portador de uma jornada de trabalho, que se renova a cada contrato – ou deixa de existir por um ato unilateral de vontade. Aqui o trabalhador é por inteiro, seu componente e sua potência de trabalho ...” (COSTA, 2000a, p.280).

Essa base teórica e metodológica, somadas às observações realizadas durante o trabalho de campo muito favoreceram nossa pesquisa, especialmente o ida à campo, que nos possibilitou ampliar nosso espaço de interpretação, perceber sutilezas que em certos pontos estão além do que foi gravado, nas emoções não captadas pelo gravador de áudio, no que foi percebido ao lermos nas suas narrações, nos gestos e expressões corporais.

Algumas mulheres tiveram que assumir os trabalhos da casa e da lavoura, devido doenças ou morte dos esposos, como a Sra. Nemerinda:

[...] Quando meu marido adoeceu tive que trabalhar na roça, rocei uma terra que o barro dificultava o trabalho, tive que trabalhar com as mãos, pedi pra um vizinho meu me ajudar a lê como fazer para da tudo certinho e eu consegui, tudo que eu plantei vingo foram cinco alqueire. Depois ele sarou e continuou a trabalhar imagine uma mãe de dez filhos trabalhando na roça, e levar comida, subir serra com menino de doze anos, porque não tinha quem cuidasse ele nunca gostou de cuidar de menino, tinha hora que eu chegava um pingo de sangue eu me sentava e caía [...] (Sra. Nemerinda).

Vinda para Rondônia

⁹ BOFF, Leonardo. *Os Sacramentos de Vida e a Vida dos Sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1984.

¹⁰ COSTA, Francisco de Assis. (Org); Vânia Regina Vieira de Carvalho. *Agricultura Familiar em Transformação: No Nordeste Paraense: O caso de Capitão Poço*. Belém: UFPA. NAEA, 2000a.

Conceituamos o período da chegada das primeiras famílias, 1970, à região de Ouro Preto D`oeste, como “momento de adaptação”, período este em que os colaboradores descrevem como os mais difíceis. Nas narrativas observamos a falta de estradas, alguns acidentes de caça e no processo de desmatamento, muitos desses acidentes causaram mortes; observamos também a escassez de assistência por parte do Estado, especialmente no que tange ao tratamento e prevenção de doenças tropicais.

“... A maior dificuldade que tivemos no início foi a falta de estrada, ainda hoje tem o bueiro que a gente colocou nessa estrada, serve de passagem pra todos nós... Trouxemos uma camionete, apesar de velha era boa e conseguimos trazer as mudanças, construímos barraco fizemos dezessete viagens foi muito sofrimento, mas valeu a pena... Trabalhávamos em conjunto bem organizado, em mutirão. Começava com um barraco de repente terminava. Trabalhávamos em conjunto pra pagar as despesas, por isso só eu fazia as compras. Cada um me dava a relação do que precisava e eu comprava ...” (Sr. Nivaldo).

A família se faz presente nos afazeres tanto domésticos quanto da lavoura, a cada tarefa é atribuído um valor, não somente pelo seu resultado material, mas também por seu sentido simbólico, sacramental. A Família toda é envolvida nas questões do trabalho, política e religião. Faz parte de cada membro da família ser responsável por uma tarefa, que está presente em seu interior. São palavras, ações e memórias que formam esse contexto:

“... Meus pais sempre ensinaram a gente trabalhar nós somos três irmãos... meus pais sempre ensinou a gente dividir as tarefas... eu não plantava de máquina a minha irmã já plantava de máquina então na época de capinar eu ia pra roça e ela ficava em casa e ia eu e meu irmão pra roça quando chegava em casa um trazia lenha outro trazia o mamão... então agente foi criado assim sabendo dividir as tarefas... hora de estudar é estudar, a hora de assistir televisão assiste televisão, a hora de trabalhar é trabalhar... então eu tento passar isso para os meus filhos tanto o menino quanto a menina sabe lavar uma louça, sabe cozinhar, sabe lavar roupa, e se for pra roça também até o pequeninho vai com a inchada desde pequenos agente leva eles pro café na colheita do arroz, do feijão colocava eles na carroça e levava então agente tenta passar o que agente aprendeu só que meus pais cobravam mais da gente ...” (Sr.^a Elielma)

Nas falas podem ser encontradas críticas às dicotomias do cotidiano urbano com o cotidiano rural, essa linguagem crítica encontrada nos depoimentos obtidos, mostram uma consciência de um papel e uma prática social.

“... O que faz a diferença da convivência da cidade e do sítio, é porque no sítio por ter essa diversidade... tem também a televisão, tem o rádio, mas por você ter ali próximo o local de trabalho as crianças já vão pegando esse ritmo do pai e da mãe... diferente da cidade o pai sai pro lado à mãe sai pro outro não da conta de cuidar... o filho desde pequeno não da conta de cuidar da casa, então o que acontece tem que arrumar uma empregada quando o filho chega da escola ele já vai pra frente da televisão e aí pronto e o pessoal fala ah, mas a televisão é a perdição das famílias entendendo nesse sentido acaba sendo, mas a culpa não está a televisão está na chefia da casa... por que a cidade empurra pra isso na área rural você tem essa vantagem... você consegui dividir as tarefas... aqui são todas divididas fulano vai lavar as vasilhas outro vai colocar água na geladeira chora..., mas tem que fazer a outra vai varrer a casa todo dia é isso vai buscar o leite ... (Sr. Manoel).

Vendas e Abandonos das Terras

Um dos relatórios do INCRA (1986) analisados neste estudo aponta como motivos das transferências, vendas ou abandonos das terras, fatores de ordem institucional como:

- A deficiência infra-estrutural interna (vias de acesso, habitação, eletrificação rural) constatada na maioria das parcelas dos imóveis dos PIC`s e PAD`s, tem como consequência as freqüentes desistências de migrantes.
- Na fase de parcelamento, algumas parcelas não ficaram beneficiadas por infra-estrutura mínima, como conseqüências não atenderam os índices de produção e rentabilidade que o migrante poderia alcançar.
- A falta de serviços de educação, saúde, lazer, comunicação, transporte, armazenamento e nutrição, refletiram sobremaneira na permanência do migrante em sua terra.
- A questão de pouca assistência médica foi determinante para identificar a venda e abandono de parcelas nos Projetos de Assentamentos.

Esses são alguns aspectos da pouca assistência dada aos migrantes. Contudo, apesar do insuficiente auxílio governamental, muitos migrantes permaneceram nas terras e com recursos próprios formaram suas propriedades.

Habitação

O tipo de habitação construída pelos migrantes no momento imediatamente posterior à sua chegada revla um caráter provisório. São casas de estrutura "simples", cobertas de madeira (tabuína) ou palha e piso de chão batido. Estas casas são chamadas de Tapiri, Tapera ou Barraco.

"... Com o dinheiro dava até pra nós comprarmos um sitio lá na BR... nós não precisávamos ter vindo pra cá se enfiar aqui... meu sentimento é esse, nós gastamos todo o dinheiro com o povo lá na linha 20... e acabou rapidinho e não compramos nada, e não tínhamos nem a casa... fiz casa depois de cinco anos de estar aqui ficamos morando em barraco durante esses cinco anos e resultou em pouca terra..." (Sr.^a Dovina)

"... Naquele tempo dava muita formiga a noite quando dava temporal, e as formigas andavam pelas paredes do barraco se escondendo da chuva, uma noite caindo um temporal, e se sentia o vento porque os barracos tinham cada brecha na parede que dava pra ver tudo o que tinha do lado de dentro e de fora, ninguém tinha móvel, não se tinha nada..." (Sr.^a Eva)

Com o passar do tempo e com a obtenção de recursos financeiros resultantes das primeiras colheitas, os migrantes vão substituindo sua moradia por uma casa, na maioria das vezes de madeira serrada, com piso de madeira ou cimento e cobertura de telha de barro.

Doenças

Na fala dos nossos entrevistados é latente o caso das doenças, principalmente a malária e muitas vezes não sabiam como lidar com os casos das doenças por falta de assistência médica ou mesmo por falta de um Posto de Saúde próximo aos lotes dos migrantes. Era comum a malária:

[...] A malária pegou de um por um não ficou uma família, nem pessoa da família sem pegar malária, e tinha gente que ficava mal demais que chegava a desmaiar, eu fui a última a pegar, então socorria os outros aplicavam injeção no músculo, na veia daquele povo e nunca tinha feito um treinamento pra nada [...] Meu Deus todo mundo magro de, tanto pegar malária, e em mim só deu uma vez porque logo a SUCAM veio e trouxe os comprimidos de clorofila [...] Então agente tomava um por semana, estávamos até amargos de tanto tomar remédio amargo, mas antes de chegar esses comprimidos dava malária no povo e com vinte dias repetia de novo [...] Depois que chegamos aqui a SUCAM veio e deixou uma maleta daquelas pro meu tio pra fazer a lamina, ai meu tio foi embora e deixou essa maleta comigo, eu que colhia a lamina dos outros e dava os comprimidos na hora depois os homens da SUCAM vinham e levavam aquela lamina pra poder ter o resultado, que saia em trinta ou quarenta dias só que eles já tinham tomado os remédios, mas dava muita malária, ainda assim mesmo dava malária [...] (Sr.^a Dolvina).

Em um dos relatórios do INCRA conta a carência à assistência médica, sob responsabilidade dos órgãos governamentais, resume-se em grau ineficaz, surgido em contrapartida, o prevailecimento dos hospitais particulares, igualmente das farmácias que se instalam a cada dia nos núcleos, conduzidas por leigos, inexperientes e até ignorantes, fator gerador de extrema insegurança na comunidade, com reflexos visíveis no tocante ao setor agrícola:

[...] Era muita malária, muita malária mesmo. Eu com malária, minha mãe com malária, meu esposo com malária só no meu pai que não deu malária... Meu irmão quase morreu de malária, eu acho que ele ficou meio deprimido com tudo aquilo que se deu lá, que deu uma parada cardíaca, ai ele faleceu [...] (Sr.^a Eva).

Rixas

Boliches¹¹ onde em função da venda e alto consumo de bebidas alcoólicas, com práticas de jogos como dominó, baralho, bozó e sinuca onde surgem brigas, morte, casos que acarretam em muitas desistências e abandonos de parcelas.

Encontramos nos relatórios algumas situações que não encontramos nas narrativas, dos colaboradores, por exemplo, a criminalidade com ocorrência de assassinatos por diversos problemas como adultério, desentendimentos pessoais provocados por questões de limites das parcelas, atritos entre os migrantes decorrentes da presença de animais domésticos que danificam as lavouras, violação de propriedade utilizando indevidamente a retirada e venda de madeiras-de-lei, abuso à caça e pesca em propriedade de outrem, a abertura de estradas vicinais quando desviadas (Relatório, 1986).

Considerações Finais

¹¹ Pequeno comércio.

A história produzida pelos historiadores traz elementos identificáveis do universo social e cultural e esses elementos foram expostos e identificados em nossas fontes. Logo os fatores epistemológicos, metodológicos e ideológicos voltam a entrar no cenário, inter-relacionando-se com as práticas cotidianas do migrante, tendo como alicerce a família onde podia apoiar-se. Desse modo durante todas as etapas da pesquisa conseguimos observar, tomar nota e gravar algumas das relações vividas.

Reescrevendo o cotidiano do enfrentamento da mata na abertura do lote e a construção do primeiro barraco, é o que torna de fundamental importância a utilização dos métodos da História Oral. Os relatos obtidos foram de quem enfrentou e recriou espaços físicos, sociais, econômicos e culturais. A respeito dos procedimentos metodológicos buscamos sempre respeitar os colaboradores no que se refere a sua privacidade e opiniões sociais e políticas, com este tratamento o “entrevistado” deixa de ser entrevistado e passa a colaborar com a pesquisa e acrescenta experiências além das que são perguntadas e indica outras pessoas que também puderam colaborar.

Na ida a campo um ponto que pode ser nitidamente notado foi a união familiar tanto no que envolve o trabalho quanto o lazer.

Esperamos que o estudo da trajetória das famílias do PIC Ouro Preto-Ro nas décadas de 1970 a 1990 proporcione maior conhecimento sobre as formas de migração realizadas por famílias oriundas de várias regiões do país. Objetivamos também através dos registros das Histórias de Vida e depoimentos dos migrantes, estabelecendo em maior aprofundamento na reconstrução histórica da região.

Na trajetória da colonização recente em meio ao trabalho árduo em condições precárias e em meio às propagandas sensacionalistas, foi a família na sua unidade quem conseguiu exercer papel social importante na construção do estado de Rondônia, antigo Território Federal. E foi durante essa transição em 1970 que cresceu o número de famílias vindas para a consolidação dos projetos instituídos pelo Governo.

A colonização recente em Rondônia foi realizada através de projetos de colonização, incentivados pelo Governo Federal, a partir dos anos de 1970, todavia não houve sucesso total nas implantações do mesmo.

A propaganda realizada pela UNIÃO e pelos relatos dos amigos causou interesses de muitas famílias, como consequência acarretou em uma forte migração de famílias que em sua grande maioria não tinha a garantia de adquirir um lote, a esperança de ter um lugar para trabalhar e manter a família era maior. Esse processo migratório é caracterizado pela presença familiar, isto quer dizer, que chegavam muitas famílias e o INCRA não possuía pessoal para assentar devidamente as famílias.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA foi criado através do decreto lei nº 1.110 de 09 de julho de 1970 como autarquia vinculada ao Ministério da Agricultura, passando desde então a ser o órgão federal executor, por excelência tanto da política de desenvolvimento como a reforma agrária do país.

Em Rondônia, os Projetos Integrado de Colonização PIC e Projetos de Assentamentos Dirigidos PAD, INCRA assumiu responsabilidades de organização territorial implantação da infra-estrutura, seleção e assentamento dos beneficiários, os migrantes desses projetos, foram responsáveis também por promover a assistência técnica, o ensino, a saúde e a previdência social, a habitação rural, a empresa cooperativa, o crédito e a comercialização.

Essas responsabilidades na grande maioria não foram realizadas muitas famílias tiveram que abrir picadas, fizeram derrubadas, em fim prepararam a propriedade por conta própria. Um dos pontos que o INCRA deixou a desejar foi a falta de pessoal qualificado para o gerenciamento das aplicações dos assentamentos. Apesar destas tantas dificuldades encontramos nas narrativas a satisfação das famílias o sentimento de vitória por todas as dificuldades superadas.

Referências Bibliográficas

- ABBGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. São Paulo: UNICAMP, 1998.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: editora da fundação Getulio Vargas, 1996.
- AMARAL, Januário. **Mata Virgem: Terra Prostituta**. São Paulo: 2004.
- _____. **Latifúndio do INCRA**. Porto velho: EDUFRO, 2007.
- BACHELARD, Gaston. **A Intuição do Instante**. São Paulo: Verus, 2007.
- _____. **Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes,
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. **S/z**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- _____. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BECKER, Bertha K. (Org); **Fronteira Amazônica Questões Sobre a Gestão do Território**. Brasília: UFRJ, 1990.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a Relação do Corpo com o Espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **A Terra e seus Homens: Agricultura e Vida Rural nos Séculos XVII e XVIII**. Bauru: EDUSC, 2001.
- BOFF, Leonardo. **Os Sacramentos de Vida e a Vida dos Sacramentos**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BOSI, Ecléa. **Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales, 1929/1989**. São Paulo: editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CAFIERO, Carlo. **Capital uma Leitura Popular**.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S; e PÉREZ, Hector. **Os Métodos da História**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.
- _____. **Uma Introdução à História**. São Paulo: Brasiliense.
- _____. **Camponês, Campesinato: Questões Acadêmicas, Questões Políticas**. In: **O Campesinato na História**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2002.
- CARR, Edward Hallert. **Que é História?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- CASEY, James. **A História da Família**. Sp: Ática, 1992.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. **A Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, (Vol: 1- 2) 2005.

- COSTA, Francisco de Assis. (Org); Vânia Regina Vieira de Carvalho. **Agricultura Familiar em Transformação: No Nordeste Paraense: O caso de Capitão Poço**. Belém: UFPA. NAEA, 2000.
- _____. **Formação Agropecuária da Amazônia: Os Desafios do Desenvolvimento Sustentável**. Belém: UFPA. NAEA, 2000.
- DOSSE, François. **A História em Migalha**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- DURKHEIM, Émile. **A Divisão do Trabalho Social**. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- _____. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Bertrand Brasil, 1991.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa. Ed. Presença, 1976.
- FOUCAULT, Michel. **O Que é um Autor?** Vega: 1992.
- _____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.
- J.P. Netto; M.C. Brant Carvalho. **Cotidiano: Conhecimento e Crítica**. São Paulo: Cortez, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultura, 1985. (Vol: I-II).
- _____. **A Origem do Capital**. São Paulo: Centauro, 2004.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como Fazer Como Pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a Cultura Popular Revisada**. São Paulo: Contexto, 1994.
- MOSER, Lillian Maria. **Formação de Capital Social e o Ideário do Desenvolvimento Sustentável no Mundo Rural Rondoniense: A Organização dos Sistemas Alternativos de Produção dos Produtores de Ouro Preto D'oeste – RO**. Tese de doutorado NAEA. UFPA/ 2006.
- MUSUMECI, Leonarda. **O Mito da Terra Liberta**. São Paulo: Vértice, 1988.
- NETTO, Antonio Garcia de Miranda. (Org). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- PONTING, Clive. **Uma História Verde do Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- PRADO, Danda. **O que é Família**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1992.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.
- _____. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA Para ler a história oral

ALBERTO LINS CALDAS
Edições Loyola

RESUMO: O livro tem duas estruturas. Na primeira, constitui uma crítica ao conhecimento, às naturalizações, universalizações e paradigmas da ocidentalidade, propondo uma Hermenêutica do Presente como instância de debate e resistência; na segunda, delinea o diálogo dessa Hermenêutica com a História Oral e, em especial, com a obra de José Carlos Sebe Bom Meihy, tentando superar os atuais impasses tanto da História quanto da História Oral, pondo em diálogo teorias, métodos e procedimentos em busca de uma maior autonomia das reflexões em torno da oralidade.

SUMÁRIO: A Natureza, Os Sentidos, O Olhar, O Corpo, A História, Ficção, Tempo e Memória, A Razão do Senhor, A Ciência, Empirismo, O Tempo da História Oral, Memória, Psicologia Textual, História Oral, Ficção e Realidade, Premissas Metodológicas, Procedimentos Gerais, Procedimentos Específicos, Comunidade de Destino / Colônia / Rede, O Projeto, As Gravações, A Entrevista, A Transcrição, A Textualização, A Transcrição, Interpretação e Leitura.

Áreas de interesse: História, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Letras.

Palavras-chave: Hermenêutica, História Oral, Metodologia, Texto, Interpretação.